

# REVISTA DE AGRICULTURA

Diretor responsável: Prof. Salvador de Toledo Piza Junior

## DIRETORES:

Prof. Octavio Domingues † Prof. N. Athanassof (1926-1955)  
Prof. Philippe Westin C. de Vasconcellos † Prof. Carlos Teixeira Mendes (1931-1950)

Secretário: Dr. Luiz Gonzaga E. Lordello

VOL. XXXIV

MARÇO 1959

N. 1

## EVOLUÇÃO, DO PADRE ROLDÁN, S. J. I — INTRODUÇÃO

S. DE TOLEDO PIZA Jr.

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"  
Universidade de S. Paulo — Piracicaba

O Prof. Dr. PAULO SAWAYA, ilustrado colega e mui prezado amigo, enviou-me para análise, o livro *Evolução*, do Padre ALEJANDRO ROLDÁN, professor de Antropologia e Psicologia na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, em San Cugat del Vallés (Barcelona), traduzido e anotado pelo Padre EMANUEL C. RONDON DO AMARANTE, S. J., professor de Biologia na Pontifícia Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo (Brasil), publicado o ano passado.

Após haver percorrido com a maior atenção não somente o texto do abalizado autor, mas também as eruditas notas, os apêndices e o *adendum* do conceituado tradutor, que, por assim dizer, constituem um segundo volume, complementar, da obra do jesuíta espanhol, formei o juízo que passarei a expor nas páginas que se seguem.

Começarei dizendo que não concordo nem com o autor, nem com o tradutor, em pontos que reputo de mais alta importância para a compreensão do problema da evolução. Entretanto, considero a obra dos dois jesuítas, como de inestimável valor, pois, conforme veremos, vem mostrar, da maneira mais clara possível, que a Igreja acabou por considerar a evolução como algo que realmente se deu. E isso tem uma importância bem maior do que se possa pensar, porque tira a feição de heresia que muitos ainda hoje reconhecem na evolução. Realmente, não é nada agradável ao professor que ensina o Transformismo,

saber que os alunos, por influência religiosa, estão a olhá-lo como a um ateu disposto a abalar-lhes a crença ao procurar impingir-lhes, como verdadeiras, coisas, que na opinião dêles, constituiria um pecado aceitar.

Como seria bom para todos e proficuo para os estudantes, se êles viessem a saber que a Igreja já não repele a Evolução como o fizera com tamanho ardor no fim do século passado e no comêço do presente, pela palavra dos seus mais competentes adeptos, e que hoje, os religiosos que a combatem são apenas aquêles, que por falta de cultura, não chegaram sequer a saber que pensadores cristãos, sábios teólogos, não têm mais dúvidas acêrca da origem das espécies, umas de outras, conforme realiza a Evolução!

Como seria reconfortante, para o crente que se interessa pelo problema das origens, o saber que a Igreja, hoje em dia, longe de repudiar a Evolução, aceita, como válidas, muitas de suas conclusões, não negando a possibilidade de que muitas outras venham a ser confirmadas. Acha-se mesmo preparada para aceitar, caso isso se comprove, que o corpo do homem proveio do corpo do animal. Aliás, é muito justificável a atitude de expectativa em que se mantém, a êsse propósito, porque cairia sem dúvida no ridículo se concordasse que o corpo do homem originou-se do corpo do macaco e se isso acabasse por se tornar uma falsidade.

A Igreja pouco se tem incomodado que os cientistas considerem boas as provas da evolução. O que ela sempre temeu foi que o povo viesse também a se convencer da veracidade das afirmações da ciência. Eis porque combateu com veemência as obras de caráter popular, procurando aniquilar os autôres que se esforçavam por trazer os fatos ao alcance do público. Nenhum cientista, mais do que HAECKEL, incumbiu-se dessa tão elevada quão árdua missão. As suas obras, de um estilo fácil e agradável, traduzidas em tôdas as línguas, correm mundo, em edições baratas, alertando o povo contra certas afirmações de origem bíblica, inteiramente destituídas de qualquer sorte de fundamento.

Se a Igreja, que foi dona de tôda a sabedoria, tivesse, desde o início, tomado uma atitude de expectativa, sempre aguardando melhores provas, poderia, à medida que essas fôsem chegando, harmonizar os pontos de vista da religião com as conquistas cada vez mais numerosas da ciência, sem que isso significasse capitulação.

Infelizmente, porém, a Igreja assustou-se mais do que devia com as interpretações propostas pela Evolução para a ori-

gem da vida, das espécies e sobretudo do homem, achando que isso se opunha, de maneira categorica, ao que a Bíblia ensinava a respeito. Armou-se, então, não para se defender, pois que jamais foi atacada, mas para atacar tudo o que, na sua opinião, fôsse contrário a palavra bíblica.

Errou a Igreja ao pensar que a Bíblia devesse ser tomada ao pé-da-letra. Se os exegetas antigos tivessem tido a liberdade que a Igreja confere aos de hoje, não teria havido o conflito transformista. Mas a Igreja se manteve por muito tempo intransigente, e o conflito se deu. Se os crentes soubessem que a Bíblia poderia ser interpretada de maneira diferente conforme a humanidade fôsse progredindo em todos os setores da atividade, cedo haveriam de compreender que o erro não estava na Bíblia e sim na interpretação. O fato da Igreja, em pleno século XIX, interpretar as narrativas bíblicas à luz dos poucos conhecimentos científicos dos primeiros séculos da Era Cristã, pode ser responsabilizado pelos erros apontados na Bíblia.

A Igreja pensava sair triunfante da contenda, certa como se achava, de que o Transformismo não lograria confirmação. E quando percebeu que a doutrina estava muito bem fundamentada, era já tarde para aderir sem que a aceitação das explicações transformistas parecesse capitulação. Foi uma pena porque a Igreja bem poderia ter adotado a opinião de SANTO AGOSTINHO quando afirmou que tudo o que viesse depois estava já contido no primeiro ato da Criação, o que quer dizer, que ao criar o Mundo, criou Deus a matéria que constitui todos os corpos e a lei que rege as transformações desses corpos. Sim, porque os corpos do Universo são materiais e se encontram num estado de permanente transformação. Nada, por conseguinte, mais conforme com o pensamento do sábio bispo de Hipona. Deus criou um Mundo material para que evoluísse segundo leis de sua própria autoria. Que importa, pois, que o homem tenha vindo do barro, diretamente amassado pelas mãos do Criador, ou indiretamente, pelo trabalho continuado de leis divinas atuando permanentemente na matéria? Do ponto de vista moral, qual a diferença entre um homem esculpido no barro e vivificado pelo sôpro divino, e um homem proveniente de um barro que o pensamento de Deus apenas vivificou e que as leis universais por Ele criadas modelaram e conduziram, por etapas sucessivas, durante milhões de anos, através de formas relativamente simples, para aquêles estádios que se complicaram e se converteram em peixes, e depois em anfíbios, e estes em répteis, que por sua vez deram mamíferos, alguns dos quais se transformaram em macacos, que acabaram se convertendo em homens?

Qual a diferença do ponto de vista moral? Nenhuma. Então é preferível o segundo modo, por estar de pleno acôrdo com a ciência e por não contrariar de maneira alguma o que a boa exegese retira dos textos bíblicos.

Nem a primeira interpretação cabe nos dias atuais, nem a segunda nos dias de ARISTÓTELES.

Se a verdade é uma só e está ao mesmo tempo com a Religião e com a Ciência, é preciso que ciência e religião estejam de pleno acôrdo ao apreciar os fatos. O desacôrdo significa que uma das duas labora em êrro. E' muito provável que o êrro esteja do lado da Religião, por tratar-se de problemas científicos que fogem à sua alçada. Anatomia, Fisiologia, Embriologia, Paleontologia, Antropologia, são ciências e porisso estão muito mais habilitadas que a Religião para julgar do valor das provas anatômicas, fisiológicas, embriológicas, paleontológicas ou antropológicas da Evolução.

Todo o mal da Religião foi ter combatido a Evolução antes de compreendê-la. E o fez de maneira tão ampla e tão violenta, que hoje em dia, para aceitar argumentos transformistas que se impõem pelo valor dos fatos que os comprovam, tem que capitular. Se houvesse desde cedo adotado o sábio preceito segundo o qual só se deve apelar para a intervenção direta de Deus (causa primária) quando as causas secundárias forem insuficientes para explicar os fenômenos que ocorrem no Universo, teria evitado o conflito, pois, atribuindo o Transformismo a causas secundárias o confiaria à Ciência, reservando-se ela a incumbência de explicar pela intervenção direta de Deus, tudo aquilo que permanecesse cientificamente inexplicado. Esta é a atitude atual da Igreja, mas veio tarde demais. Porisso, para não capitular de uma vez, o que considera inconveniente, passou a aceitar o que ela chama de "Evolucionismo mitigado", misto de Creacionismo e Transformismo, bastante elástico para permitir tôdas as acomodações que se fizerem necessárias, contanto que se mantenham inalteráveis alguns pontos fundamentais sôbre os quais não está disposta a fazer a menor concessão. Dentre êstes destacam-se a criação da matéria (*ex nihilo*), a criação da vida e a criação da alma humana por atos especiais do Criador.

Nestes pontos a Igreja não cede, o que reputo uma perigosa imprudência. Tão perigosa como a atitude que assumiu no princípio opondo-se de maneira categórica a qualquer pretensão da doutrina transformista, e que, com o correr dos tempos, tornou-se insustentável.

Seria muito melhor, a meu ver, que a Igreja adotasse um evolucionismo integral, incluindo origem da vida e do ho-

mem, firmando-se apenas num ponto: que tudo se deu pela vontade expressa de Deus. Do contrário, ficará sujeita a ter que ceder mais tarde e o fracasso será tanto maior, quanto maior fôr a resistência oposta à evidência dos fatos. Se é exato que a Igreja está disposta a aceitar que o corpo do homem se tenha originado do corpo do animal (se isso vier a ser provado), porque fazer cavalo de batalha no que se refere à origem da alma humana? Se os animais não tivessem alma, seria necessário um ato especial do Criador para dar alma ao homem, cujo corpo proveio, pelas leis da Evolução, do corpo do animal. Mas, visto que o macaco tem alma, porque haveria Deus de criar uma alma especial para o homem, se no tocante ao corpo não quis fazê-lo? Se o seu intuito era transformar o animal em homem, é bem provável que a vontade divina tenha convertido corpo de macaco em corpo de homem e alma de macaco em alma de homem. Aliás, tudo indica que o conceito que a Igreja faz de alma tem que mudar. A Igreja precisa rever S. TOMAZ, como a Ciência reviu ARISTÓTELES. Não é mais possível, em nossos dias, definir a alma como a definiu o filósofo. Em seu tempo, a Biologia não possuía elementos que permitissem testar a definição. Mas hoje a coisa é diferente. A Ontogenia, a Embriologia Experimental e a Psicologia Comparada dos animais e do homem oferecem-nos dados muí valiosos para repudiar a existência de uma alma com os predicados contidos na definição de ARISTÓTELES adotada por S. TOMAZ DE AQUINO, capaz de separar-se do corpo por ocasião da morte, para continuar vivendo independentemente. É bom ter-se sempre em mente, que essa vida da alma após o abandono do corpo, não é vida. A Igreja faz de vida dois conceitos inteiramente distintos: o primeiro se refere a um ser corpóreo e o segundo a um ser incorpóreo. A vida do ser corpóreo é aquela que se reconhece nos seres chamados vivos e por conseguinte, no homem, enquanto homem; a vida do ser incorpóreo é aquela que se presume existir na alma humana após a morte do corpo. Mas, se viver é nascer de um óvo que se desenvolve no útero de uma mulher, é alimentar-se, é respirar, é crescer, é secretar, é excretar, é defecar, é ver, é ouvir, é sentir, é cheirar, é palpitar, é fremir, é mover-se, é vibrar, é sorrir, é chorar, é sofrer, é gozar, é amar, é odiar, se viver é tudo isso, a alma que abandona o corpo do homem que morre, decididamente não vive.

A alma humana não morre, dizem teólogos e filósofos. Verdade, grande verdade mesmo. Mas é preciso que se esclareça, que a alma não morre, simplesmente por nunca ter vivido. Só morrem os seres vivos, em cuja categoria não se pode incluir

a alma, que por definição é incapaz de viver: substância imaterial, simples, inextensa. Três predicados incompatíveis com a vida, que somente se conhece em corpos materiais, compostos e extensos.

A alma humana é eterna, não no sentido de viver eternamente, mas no sentido de existir. Para nós, seres humanos dotados de vida, pouco importa que depois da morte a alma continue existindo, se êsse existir é o existir do ser que não tem corpo, nem extensão, nem forma e nem composição; que não ouve, não vê, não cheira, não sente, não vibra, não freme, não goza, não sofre... E' o eterno existir no grau absoluto da escuridão, do silêncio, da imobilidade, da insensibilidade, do não ser! E' o existir dos seres que não existem... Nessas condições, é claro, ninguém poderá ser premiado pelo bem que semeou em vida, nem punido pelos males que praticou.

Tudo aquilo que tem a virtualidade de ser imaterial e inextenso, exige corpos materiais e extensos para existir. Assim a vida, o amor, a saudade. Sem um corpo que viva, que ame ou que sinta não podem evidentemente existir. Assim também a alma. Só existe no corpo animado. Quando, pela morte, tornar-se inanimado, não sobrarã coisa alguma independente que se possa chamar de alma.

---

A natureza da alma pode ser discutida livremente por cientistas, filósofos ou teólogos, pois não havendo sido revelada, está sujeita a pesquisas em qualquer campo do saber humano. Não é de hoje que pensadores buscam decifrar o enigma da alma, baseados na observação do comportamento dos seres que a possuem. No tempo dos filósofos gregos houve quem admitisse, no homem, três almas distintas, localizadas em partes diferentes do corpo: uma alma *racional*, na cabeça, uma alma *concupiscível* no peito e uma alma *irascível* no ventre. Houve também aqueles que sem reconhecer localizações regionais admitiam a existência de uma alma *nutritiva*, uma *sensitiva* e uma *intelectiva*, das quais as duas primeiras seriam igualmente encontradas no animal.

Antes de se vir a saber que as plantas eram também seres sensitivos não faltou quem as considerasse como tendo somente uma alma *vegetativa* (*nutritiva*). O animal seria então provido de duas (vegetativa e sensitiva) e o homem de três (vegetativa, sensitiva e intelectiva).

Com o correr do tempo êsse conceito de pluralidade da alma foi-se modificando até que hoje, abalizados filósofos cristãos

aditem no homem a existência de uma só alma, capaz de operar nas três esferas, isto é, na vegetativa, na sensitiva e na intellectiva. A do animal, também única, operaria somente nas duas primeiras. Contudo, a diferença entre a alma animal e a alma humana não seria apenas essa. Uma outra deveria existir e esta de suma importância: a alma animal seria corruptível e mortal e a humana incorruptível e imortal.

Eis aí uma dificuldade da qual a Igreja dificilmente poderá sair. A alma humana difere da alma simiana especificamente, como o corpo do homem difere do do macaco. Não é possível que a alma seja de uma só espécie para o homem e para o macaco. Homem tem que ter alma de homem e macaco de macaco. Entretanto, não há razão para que a alma do homem seja incorruptível e imortal e a do macaco não. Ainda mais que hoje sabemos, o que no tempo de ARISTÓTELES, de SANTO AGOSTINHO e de S. TOMAZ DE AQUINO se ignorava, que a alma do macaco opera também na esfera intellectiva. Não, evidentemente, no "grau humano", mas no "grau simiano". Se a alma humana não morre por não poder se decompor em virtude de ser uma substância *imaterial simples*, isso só não acontecerá com a alma do macaco, se se conseguir demonstrar ser essa alma destituída daqueles atributos: *imaterialidade* e *simplicidade*, o que me parece impossível.

Aliás, admitir que a alma do macaco seja imortal como a do homem, de nada serve à Biologia, ao passo que admitir que a alma humana seja mortal como a do macaco, tem enorme significação para o problema da evolução.

Uma das questões mais interessantes, que tanto a Ciência como a Religião podem discutir, é sem dúvida a da origem da alma. Todavia, a Religião fica impedida de investigar a origem da alma do primeiro homem, por ter esta sido revelada. No que se refere à alma dos descendentes de Adão, o campo está fechado aos investigadores.

Segundo rezam os livros sagrados, Deus criou o homem imortal e a morte deu-lhe como castigo. Não fôsse o pecado e o homem haveria de viver eternamente. Parece claro, que a morte como castigo somente teria significação se a vida fôsse só de alegrias, de gozos, de felicidades, de bem-aventuranças e se depois da morte a alma tivesse consciência da vida que viveu enquanto unida ao corpo. Mas, nas condições atuais da humanidade, em que os vícios estão tomando o lugar das virtudes, o ódio substituindo o amor, a guerra ameaçando a paz, a doença minando o corpo, o pecado solapando a alma, numa humanidade soffredora onde imperam a desonra e o crime, a morte,

longe de significar um castigo, afigura-se uma fuga sublime, um prêmio. Há pessoas que levam uma vida tão desgraçada, para as quais a morte não pode deixar de representar uma dádiva dos céus.

A questão da morte como castigo deve, pois, merecer uma outra interpretação. Havendo Deus criado os animais, antes de criar o homem, e os havendo criado para viverem a sua vida e depois morrerem, deu à morte as características de um fenômeno natural, tal como hoje é considerada. Nem brincando se deve supor seja a morte do animal um castigo, pois o animal, dotado apenas de alma vegetativa e sensitiva, não pode pecar. Sendo assim, ao criar o homem, animal também, criou-o Deus com todos os atributos naturais com que dotara os seres vivos criados antes, e por conseguinte, também com o imperativo de morrer ao término de uma existência mais ou menos longa.

A morte do homem é da mesma natureza da morte do animal e não deve por isso ser considerada um castigo. Se tanto morrem os que pecam (os homens) como os que não pecam (os animais), a morte evidentemente, não pode ter o caráter de punição.

Se castigo existe, não reside na morte e sim no medo de morrer, que só o homem tem.

O problema da origem da alma mereceu de SANTO AGOSTINHO páginas imorredouras de alto valor literário. Ao tratar de tão empolgante assunto, o erudito pensador católico não pôde esconder o desespero que dêle se apoderou por não encontrar a tão almejada solução.

Até hoje o assunto é objeto de discussões.

Três hipóteses poderiam ser formuladas: a) que a alma se originasse diretamente da substância de Deus (Emanatismo); b) que proviesse dos pais, pelas células reprodutoras (Geracionismo); e c) que fôsse por Deus criada do nada (Criacionismo).

Tôdas as três contam com adeptos, o que quer dizer que a opinião sôbre o assunto é inteiramente livre. Entretanto, a Filosofia Escolástica, que prevalece entre os pensadores cristãos da atualidade, procura refutar as duas primeiras e ao mesmo tempo provar a validade da última, ou seja, daquela segundo a qual a alma humana não provém de coisa alguma preexistente e sim é criada por Deus *ex nihilo*. A Igreja pensa ser esta a melhor tese e põe grande ênfase nos argumentos que a suportam. Entretanto, não tem certeza se a alma dos homens que vieram depois de Adão tenha mesmo sido criada por Deus (do nada), porque certeza a Igreja só tem daquilo que foi re-

velado e segundo consta, a êsse respeito, não se conhece revelação alguma. E' por êsse motivo que a Igreja não se opõe que se investigue o assunto e está preparada a mudar de opinião em matéria controvertida, sempre que reconhecer que o ponto de vista que adotou já não é o melhor.

Se, pois, pensar de maneira diferente acêrca da origem da alma não só deixa de ser pecado, como até é permitido pela Igreja, é claro que o biologista católico, bem mais credenciado que o católico não biologista para opinar nessa questão, acabe rejeitando a hipótese preferida, para adotar a que lhe parece mais bem fundamentada.

A origem da alma segundo o Criacionismo esbarra numa dificuldade que o pensador cristão, não biologista, não pôde vencer: a do momento da criação.

Os filósofos escolásticos modernos, depois de discutir largamente o assunto, acham que Deus cria a alma do ser humano no momento em que êste inicia a sua vida individual, ou seja, por ocasião da fecundação.

O biologista católico haveria por certo de oferecer a seguinte objecção: Sendo verdade que o homem herda de seus pais não somente os caracteres do corpo, mas também os atributos da alma, ora mais os paternos, ora mais os maternos, ora em proporções mais ou menos equilibradas, como compreender que as células reprodutoras incumbidas de assegurar a continuidade da vida de pais a filhos só se responsabilizem pela continuidade somática? Isso só seria admissível se se pudesse provar que os caracteres psíquicos não são hereditários ou que as células reprodutoras não levam para o óvo resultante de sua fusão nada da alma dos pais.

Quanto ao primeiro dêsses tópicos, sabemos, que embora por razões fácilmente explicáveis pelas leis de hereditariedade, nem sempre se possam reconhecer no filho características psíquicas, intelectuais ou morais, muito evidentes em seus genitores, estas, em muitos casos, são reconhecidas, sem a menor sombra de dúvida.

Quanto ao segundo, sabemos, de acôrdo com a Psicologia Especulativa dos filósofos da Igreja, que a alma está no corpo todo e tôda em qualquer de suas partes. Por conseguinte, a alma dos pais está inteirinha na célula reprodutora com que cada qual contribui para formar o corpo do filho. Assim como o corpo único do filho provém de dois corpos independentes dos pais, assim a alma única do filho pode provir das duas almas paternas. Teríamos com isso confiado a origem da alma individual a causas segundas, evitando apelar para uma interven-

ção direta de Deus cada vez que um espermatozóide se encontra com um óvulo, o que deve realizar-se a todo momento nas diferentes partes do mundo.

A Igreja, não reconhecendo atividade intelectual na alma animal, acha que pode originar-se dos genitores. Mas aí um ponto que reforça a opinião do biologista, pois a Igreja não repugna que a alma do descendente possa ser gerada pelos ascendentes imediatos. Apenas não reconhece essa possibilidade no que se refere à alma humana por considerar esta última como sendo substancialmente distinta da alma animal. Mas o biologista católico que sabe, sem o menor resquício de dúvida, que certos animais operam na esfera intelectual no mesmo grau que as crianças e que porisso pode incluir a alma animal na mesma definição da alma humana, sem prejuízo das diferenças específicas que as separam, pois uma é animal e outra humana, deve esforçar-se por fazer com que a Igreja adote o mesmo modo de origem para a alma de todos os seres dela providos.

Se o homem não fôsse animal, va lá que tivesse alma diferente. Mas, uma vez que não quis Deus honrá-lo com um lugar à parte, havendo-o criado animal, e nem mesmo distinguí-lo com uma forma especial, tendo nêle repetido a conformação dada antes a macacos, é claro que êle deve viver e morrer como vivem e morrem os animais, legando aos seus descendentes caracteres somáticos e psíquicos por via da reprodução.

A despeito do alto grau de intelectualidade que o distingue, não pode o homem deixar de ser um animal, o mais animal de todos os animais, o único que peca e que comete crime (não se conhece pecado ou crime em nenhum outro animal); um animal que come com voracidade, que urina e que suja como qualquer outro e pratica o ato sexual como nenhum. A um animal com tais requintes de animalidade não haveria Deus de doar uma alma que não fôsse do mesmo estôfo da alma animal. Porisso, convencido como está, que os animais provêm inteirinhos, isto é, corpo e alma, de animais preexistentes, sustenta o biologista que, pelas leis da evolução instituídas por Deus no Universo, causas secundárias fizeram o corpo do macaco se transformar em corpo de homem e a alma do macaco em alma de homem. Essa tese é tanto mais verdadeira quanto sabemos que as causas segundas que promovem a transformação dos seres agem nas células reprodutoras dos genitores, as quais, como vimos, têm alma integral: *anima tota est in toto corpore et tota in qualibet corporis parte.*